

Eduardo de Assis Duarte – *Machado de Assis afro-descendente*

2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.

Marisa Lajolo

A mulatice de Machado de Assis parece ter passado *em branco* em muitos estudos literários, que acompanham, nesse processo de despigmentação tex-

tual, a galeria de fotos do escritor que também o embranquecem, fixando para a posteridade um respeitável senhor de barbas que contempla o futuro com expressão indecifrável. Este *embranquecimento* de Machado parece articular-se à crença (amparada em algumas teorias) de que literatura, sobretudo a literatura que se quer com ele maiúsculo – a Literatura – não tem cor nem sexo.

Mas tem: sexo e cor entraram na pauta de leitura de vertentes de ponta dos estudos literários. O livro de Eduardo de Assis Duarte, *Machado de Assis afro-descendente* nasce, assim, polêmico, ao fazer uma re-leitura da obra do velho bruxo e, a partir dela, montar uma originalíssima antologia. Neste livro, a afro-descendência de Machado se textualiza e um novo Machado insinua-se ao leitor que, físgado, se espanta com seus botões: *como é que eu nunca tinha percebido isto?* Com efeito, página após página, crônicas, poemas, contos e fragmentos de romance vão patrocinando uma releitura que vasculha, na obra machadiana, a presença de negros, de negras, de cenários e de assuntos ligados à escravidão.

Ao longo da antologia, o leitor se surpreende pelos efeitos de sentido que a vizinhança de textos constrói. Surpreendem-se, sobretudo, os leitores familiarizados com a obra machadiana: é como se se estivesse contemplando uma galeria de quadros, todos muito conhecidos, mas aos quais o rearranjo confere uma perspectiva completamente nova.

O autor do livro encontra, no estilo do escritor, *modos de dizer* que representam a expressão formal da mestiçagem. No capítulo final, “Estratégias de caramujo”, um ousado gesto crítico retoma a figura do narrador machadiano e – discutindo-a uma vez mais – atribui a ela o afinamento de voz necessário para discutir negritude com os seletos leitores que, na época de Machado, liam-no nas revistas pelas quais circulavam suas histórias. Informando, ao longo da antologia, o modo de circulação original de cada texto, o livro permite vislumbrar ainda os itinerários que, no sistema literário, a literatura percorre enquanto materialidade de texto impresso em papel.

O diapasão da voz machadiana é esmiuçado nos diferentes gêneros. O trabalho do autor do livro aloja-se, no início, em modestos rodapés, tornando-se minucioso e militante no ensaio final. Discute, desde um certo *varejo* do texto, como o nome de personagens, até aspectos de maior envergadura, como a articulação de grandes blocos narrativos. Na análise, estes blocos criam equilíbrios instigantes que, sugerindo muitas vezes cenas de paralelismo invertido, fazem eclodir no texto a velada violência que pautava o regime escravocrata vigente no Brasil e que talvez persista além da escravidão.

O olhar de Eduardo de Assis Duarte vai percorrendo a obra machadiana, contextualizando no modelo brasileiro da escravidão procedimentos textuais de Machado de Assis. Dentre as interpretações do crítico, a mais ousada é a que atribui ao caráter *póstumo* de Brás Cubas um valor político bastante alto: como diz o livro, “Machado mata o senhor de escravos oito anos antes da abolição” (p. 287).

Assumindo-se como sujeito de seu texto, o autor dialoga com a tradição crítica mais recente de Machado, optando às vezes por uma forma interrogativa de formular suas hipóteses. Ao alternar-se com interpretações categóricas e com informações que contextualizam o texto machadiano, a retórica da interrogação, confere ao leitor uma certa liberdade. Dá-lhe autonomia para sentir-se *sócio* do autor, já que de sua resposta depende a confirmação (ou a refutação) do raciocínio que lhe está sendo proposto. Esta parceria com os leitores – recurso de que usa e abusa o próprio Machado – é bastante interessante (e muito rara) nos estudos literários.

O ensaio de crítica é um gênero por excelência intertextual e a presença de interrogação nele – ainda que retórica – representa um bem-vindo convite à discussão. Que, no caso deste belo livro de Eduardo de Assis Duarte, sugere ao leitor que, como vem se dizendo há muito tempo, Machado é, sim, um escritor universal. E que, como se vem dizendo há poucas décadas, Machado também é, sim, um escritor brasileiro. Mas é só com este livro que se começa a dizer que Machado é, sim, um escritor brasileiro negro.